



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

EDILMA GOMES DA SILVA

**REMANESCENTEDA MATA ATLÂNTICA DE TRANCISÃO E SUAS
POTENCIALIDADES LOCAIS: UM ESTUDO NO DISTRITO DE SÃO JOSÉ DA
MATA-PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

EDILMA GOMES DA SILVA

**REMANESCENTE DA MATA ATLÂNTICA DE TRANSIÇÃO E SUAS
POTENCIALIDADES LOCAIS: UM ESTUDO NO DISTRITO DE SÃO JOSÉ DA
MATA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento as exigências do
componente trabalho acadêmico orientado, para
obtenção de conclusão do curso.

**ORIENTADORA: PROF^a. Msc MARÍLIA
MARIA QUIRINO RAMOS.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Edilma Gomes da
Remanescente da mata atlântica de transição e sua
potencialidades locais [manuscrito] : um estudo no distrito de São
José Da Mata - PB / Edilma Gomes da Silva. - 2016.
42 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Marília Maria Ramos Quirino,
Departamento de Geografia".

1. Mata Atlântica 2. Meio ambiente 3. Devastação 4.
Preservação I. Título.

21. ed. CDD 333.7

EDILMA GOMES DA SILVA

**REMANESCENTE DA MATA ATLÂNTICA DE TRANSCISÃO E SUAS
POTENCIALIDADES LOCAIS: UM ESTUDO NO DISTRITO DE SÃO
JOSÉ DA MATA-PB**

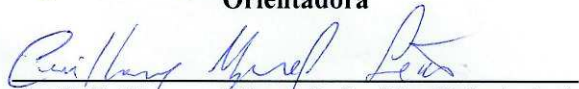
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento as exigências do componente trabalho acadêmico orientado, para obtenção de conclusão do curso.

MONOGRAFIA APRESENTADA EM 27 DE Outubro DE 2016.


COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof^ª Ms. Marília Maria Quirino Ramos

Orientadora


Prof^º Guilherme Miguel Leão (Co- Orientador)

Examinador


Prof^ª Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos

Examinadora

NOTA: 9,0 (noze)

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

A Deus que me permitiu que tudo isso acontecesse durante minha trajetória, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Devo a Ele a oportunidade que tive de chegar aonde cheguei, pelas conquistas até o momento, e peço para que ele continue dando-me sabedoria para seguir outras etapas.

A minha Família

A minha mãe Maria Gomes e ao meu pai Francisco Pedro (*in memoriam*), que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, meus irmãos, os que estão distantes e os que estão presentes, há todos meu muito obrigada.

Agradecimento especial

A minha orientadora Marília Quirinopela paciência e pela amizade, e toda a experiência que me passou durante os dias de orientação, a Guilherme pela disponibilidade e troca de experiência. Serei eternamente grata.

Aos mestres

Agradeço pela paciência, pela partilha de conhecimento, pelos ensinamentos para a vida, Sou grata e honrada pelos professores que tive, pelos ensinamentos que recebi.

Aos amigos e colegas

Valeram a pena todos os passos pelo caminho traçado. Cada momento vivido nessa louca correria em busca de um objetivo em comum .A um amigo em especial Fidelis Silva, pela força e pelos conselhos sempre me orientando para que eu seguisse adiante e conseguisse chegar ao meu objetivo. E a todos que direto ou indiretamente contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui. Serei eternamente agradecida.

MENSAGEM

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8:28)

SILVA, Edilma Gomes da. **Remanescentes da Mata Atlântica de transição e suas potencialidades locais**: um estudo no Distrito de São José da Mata – PB.

RESUMO

O estudo resulta de uma pesquisa *in loco* realizada no entorno do resquício da Mata Atlântica de transição, localizado no Distrito de São José da Mata - PB, onde buscou-se analisar através das relações socioambientais, o processo de degradação em função da urbanização e da área agrícola e as suas potencialidades locais. No referido estudo de caso realizado, a partir de uma abordagem quantitativa, mostrando a partir da aplicação dos questionários e entrevistas a realidade produzida e vivenciada no entorno do resquício florestal. Através desse estudo vale ressaltar a importância que o fragmento tem para região, por possuir uma grande diversidade tanto na fauna como na flora, e sua importância histórica para comunidade local. O referido estudo busca encontrar alternativas em conjunto com a comunidade e os órgãos públicos, para que passar haver uma maior conservação e conscientização por parte de todos, para uma utilização adequada do espaço local.

Palavras - chaves: Mata de transição- Potencialidades-Devastação- Preservação.

ABSTRACT

The study results from a survey “in loco” carried out in the vicinity of remnant Atlantic Forest in transition, located in the district of São José da Mata - PB, which sought to analyze through socio-environmental relations, the process of degradation due to urbanization and agricultural area and its local potential. In this case study, from a quantitative approach, reality produced and experienced in the surrounding of the remnant forest is showed built on questionnaires and interviews. Through this study it is worth emphasizing the importance that the fragment has to the region, because it has a great diversity of both fauna and flora, and its historical importance for the local community. The study seeks to find alternatives with the community and government agencies together, so it can have a greater conservation and awareness by everyone, for proper use of the local area.

Keywords: Transition Forest - Potentials - Devastation - Preservation

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 01- Mapa Região Geoadministrativa de Campina Grande – PB

Figura 02- Mapa unidades fitogeográficas da Mata Atlântica

Figura03- Mapa representação cartográfica da degradação da Mata Atlântica ao longo dos anos.

Figura 04- Algumas espécies da fauna da Mata Atlântica de transição

Figura 05-Espécies da Fauna nativa do resquício de Mata Atlântica

Figura 06- Gráfico demonstrativo do número de pessoas por família

Figura 07- Gráfico Demonstrativo da Renda Familiar Mensal

Figura 08- Gráfico demonstrativo do Nível de Escolaridade

Figura 09- Localização geográfica do resquício de Mata Atlântica no distrito de São José da Mata-Pb

Figura 10- Região geoadministrativa de Campina Grande- Áreas potenciais de investimento sustentável.

LISTAS DE SIGLAS

APPs Área de Preservação Permanente

RL Reserva Legal

MMA Ministério do Meio Ambiente

UCS Unidades de Conservação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. METODOLOGIA.....	13
2.1 Tipos de Pesquisa e Procedimentos.....	13
2.2 Caracterização sócio-ambiental da área de estudo.....	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3.1 A Mata Atlântica e as Potencialidades Locais: Conceito e Classificação.....	16
3.2 Condições Ambientais de Adaptação.....	18
3.3 Potencialidades Faunísticas e Florísticas	20
3.4 Relações socioambientais no processo de ocupação urbana e degradação da Mata Atlântica.	22
3.5 A Mata Atlântica Na Paraíba.....	25
3.6 Devastações de Reservas Florísticas, Legislação Ambiental e Políticas Públicas de Gerenciamento.....	27
3.7 Diretrizes para implantação de unidades de conservação e sustentabilidade.....	29
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
APENDICE.....	42

1. INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica, denominação dada pelos portugueses nos primórdios da Colonização refere-se a uma variedade de Matas Tropicais úmidas que ocorrem de forma sazonal ao longo das regiões costeiras do Brasil, favorecido pela umidade trazida pelos ventos alísios do Sudeste que são barrados por acidentes orográficos, provocando chuvas constantes, o que permite sua formação exuberante.

Inicialmente a Mata Atlântica, um dos mais importantes Biomas brasileiros, ocupava uma área de cerca de 1,1 milhão de km, estando presente tanto na região litorânea como nos planaltos de serras do interior, desde Rio Grande do Norte até Rio Grande do Sul. Ao longo da costa brasileira a sua largura varia entre faixas e grandes extensões atingindo em média 200 km de largura.

A Mata Atlântica também é classificada como sendo um dos cinco Biomas mais ricos do mundo, portanto uma área crítica para manutenção da biodiversidade. Essa problemática vem se acentuando principalmente em virtude de um conjunto de variáveis que atuam de forma interligada no espaço: capitalismo, industrialização e urbanização. Contribuindo para acelerar o processo de devastação.

Dentro do conjunto Mata Atlântica é possível encontrar diversas formações vegetais. O Agreste Sublitorâneo e o Agreste de altitude que constitui uma transição das matas de Brejo úmida para a vegetação da Caatinga. De acordo com essa classificação se desenvolve esta pesquisa sobre o resquício de Mata Atlântica localizada no Distrito de São José da Mata- PB. Esta formação florestal sofreu uma diminuição em seu entorno nas décadas de 1970 e 1980 em virtude de alguns fatores antrópicos: A expansão da área agrícola no Distrito, fragmentação da Mata com divisa de terras para herdeiros e a expansão urbana. A atuação do conjunto desses fatores levou a uma modificação na paisagem do Distrito.

Com base nesse contexto, a pesquisa busca fazer uma análise das relações socioambientais e os reflexos na biodiversidade local da Reserva Florestal, localizada no Distrito de São José da Mata-PB, e como propostadesse estudo fazer com que a população tenha conhecimento do valor desta área ambiental, por ser um local privilegiado tanto na sua fauna quanto na sua flora.

Por se tratar de uma área particular não há programas de conservação dos seus recursos biológicos. Dessa forma a pesquisa tem como objetivo fazer uma análise socioambiental da Reserva Florestal, mostrando como se dá essa relação ser humano/meio e quais os benefícios que a população consegue absorver desta. Mostrando assim alternativas

para sua conservação, através de parcerias e incentivos da comunidade próxima, ressaltando assim a contribuição que uma pesquisa dessa natureza poderá trazer para a população, como também para que haja uma melhor conscientização por parte da comunidade e dos órgãos competentes, e para que possa obter-se melhorais para sua preservação.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipos de Pesquisa e Procedimentos

Foi realizada uma pesquisa de campo exploratória, onde foi feito um estudo de caso do resquício de Mata Atlântica no Distrito de São José da Mata – PB, com uma abordagem qualitativa mostrando as interações sociedade/natureza produzida e vivenciada no entorno da referida Mata, e os impactos ambientais, biológicos e sociais. Como também Foram evidenciados também as potencialidades da referida mata para a comunidade local.

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico da área física/ambiental e social da problemática em análise. Em seguida realizou-se entrevistas e aplicado questionários com a comunidade local e o Prof^o e pesquisador Guilherme Miguel Leão, que vivência cotidianamente com a reserva. Em seguida foram feitas visitas “in loco” para fazer um reconhecimento da área em estudo.

Em outra etapa foram feitas registros fotográficos da fauna e da flora. Nesse contexto pode-se fazer uma análise das potencialidades do fragmento Florestal.

2.2 Caracterização geográfica e sócio-ambiental da área de estudo.

O Distrito de São José da Mata-PB situa-se na porção Oeste do Município de Campina Grande-PB, uma distancia de 12 km do centro da cidade. Cortado pela BR-230, o Distrito possui uma população de aproximadamente 18 mil habitantes . Limita-se ao Norte com o Município de Puxinanã, ao Sul com o Distrito de Catolé de Boa vista, a Leste com Campina Grande e a Oeste com os Municípios de Boa Vista e Pocinhos (Figura 01).

O Distrito teve sua origem com a chegada de algumas famílias na metade dos anos de 1920 a1930. O nome São José da Mata foi sugerido por um antigo pároco de Campina Grande, o Padre José Medeiros Delgado que teve uma ação missionária na região. O nome “José” em homenagem ao Padre um dos pilares da comunidade na época e também pelo devoção a São José padroeiro do Distrito, ao Sr. José Miguel Leão, o nome “da mata” em virtude do resquício de Mata Atlântica existente na área (MELO, 2005).

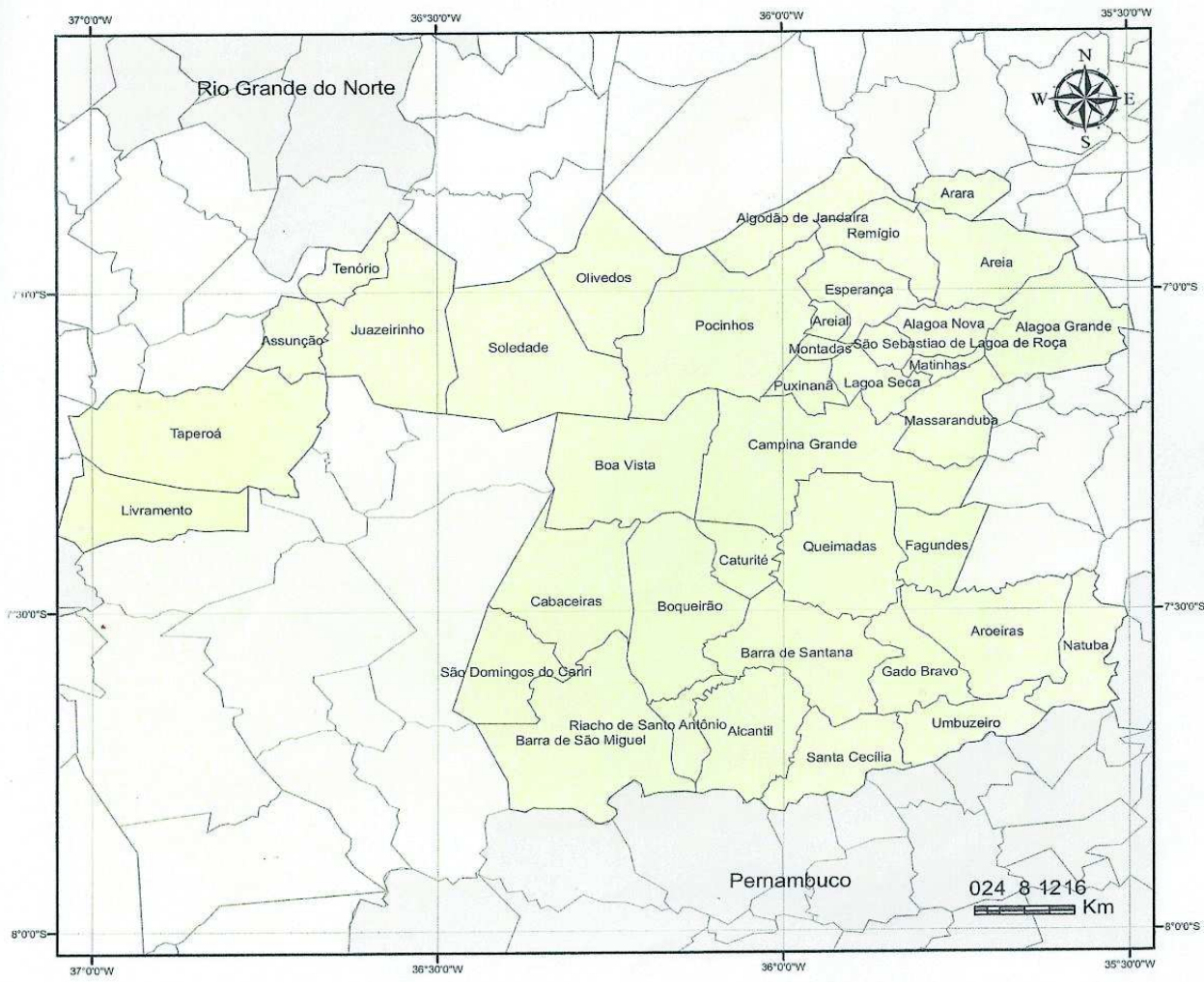
O Distrito ganhou importância pela sua localização, tornando-se um ponto de passagem para a mesoregião pela BR 230, por onde passavam os Trapeiros da Borborema, e os moradores dos municípios próximos as cidades: Pocinhos, Puxinanã e Campina Grande. Hoje grande parte da população do Distrito reside na zona urbana, entretanto a população rural já foi bem mais numerosa que a população da zona urbana, devido a problemas econômicos e sociais, muitos tiveram que migrar do campo para cidade para obterem uma melhor qualidade de vida.

O resquício de Mata Atlântica possui características que a classifica como sendo uma floresta estacional semidecidual ou subcaducifolia por apresentar extratos arbóreos e arbustivos semidecidual na estação seca. Por está localizada numa área geograficamente elevada, o planalto da Borborema é considerado uma Mata de altitude, alcançando em média 515 a 600 m.

De acordo com a classificação de Koppen o clima é do tipo sub-úmido, o qual apresenta moderada deficiência hídrica no verão e razoável índice de precipitação no inverno (BASTOS, 1995).

A área da reserva apresenta relevo bastante acidentado, com uma declividade em torno de 20%. Em relação à classificação do solo e caracterizado como um regassolo pouco desenvolvido e muito raso (BASTOS, 1995).

REGIÃO GEOADMINISTRATIVA DE CAMPINA GRANDE - ÁREAS POTENCIAIS DE INVESTIMENTO SUSTENTÁVEL

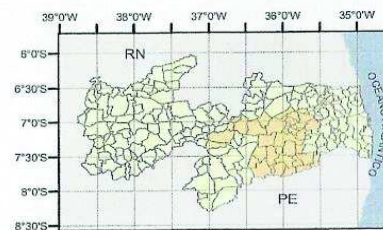


LEGENDA:

Região Geoadministrativa de Campina Grande

CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS:

— Limites Estaduais
 — Limites Municipais



REALIZAÇÃO:

 FONTE: IBGE - BASE CARTOGRÁFICA DOS LIMITES MUNICIPAIS, 2005

024 8 1216

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A Mata Atlântica e as Potencialidades Locais: Conceito e Classificação

Quando os primeiros europeus chegaram ao Brasil, em 1500, a Mata Atlântica cobria aproximadamente 15% do território brasileiro; área equivalente a 1.296.446 km². Sua região de ocorrência original abrangia integralmente ou parcialmente 17 estados brasileiros; Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, MMA, 2010).

A Mata Atlântica, denominação dada pelos portugueses nos primórdios da Colonização refere-se a uma variedade de Matas Tropicais úmidas que ocorrem de forma sazonal ao longo das regiões costeiras do Brasil, e que é bastante favorecido pela umidade trazida pelos ventos alísios do Sudoeste que são barrados por acidentes orográficos, provocando chuvas constantes, o que permite sua formação exuberante (MELO, 2005).

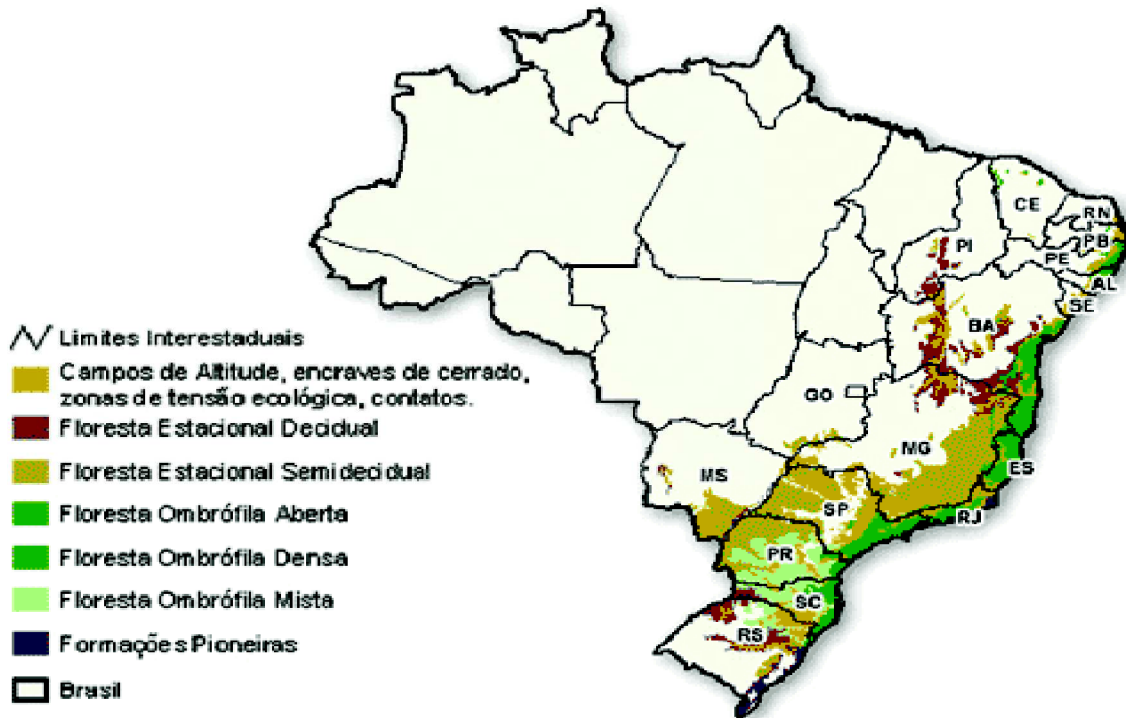
O mecanismo de distribuição da massa Polar Atlântica é o responsável pela exuberância e diversidade dessas florestas. Ventos carregados de umidade são barrados por diversos acidentes orográficos na zona costeira, descarregando grandes volumes de água (CONTI E FURLAN, 2003, p.171).

Alexandre Von Humbolt descrevia a Mata Atlântica como uma “floresta sobre uma floresta” devido a sua formação, suas árvores chegam a atingir entre 30 e 60 metros de alturas, por estarem muito próximas suas copas não permitem a passagem da luz, em virtude disso nas partes baixas nascem e crescem arbustos e pequenas árvores, bambus, samambaias, linques que toleram menos luz, formando assim os chamados sub-bosques. Tanto nas árvores altas como nas baixas se desenvolvem espécies de diversos tipos, cipós, bromélias, orquídeas entre outras espécies de vegetais (MELO, 2005)

Até bem pouco tempo atrás, pensava-se que a Mata Atlântica fosse somente as florestas que ficavam junto ao litoral do Brasil. Mas, na verdade, atualmente considera-se que a Mata Atlântica engloba um conjunto de mosaicos florestais e formações de ecossistemas associados que são representados por uma série de 13 tipologias ou unidades fitogeográficas, que inclui: Floresta Ombrófila Densa; Floresta Ombrófila Aberta; Floresta Ombrófila Mista - Mata de Araucária, também conhecidas como Pinheiros-do-Paraná; Floresta Estacional Decidual; Floresta Estacional Semidecidual; Formações Pioneiras (Restinga, Manguezal, Campo Salino, vegetação com influencia fluvial ou lacustre); Campos de Altitude, Encraves

de Cerrado e, Zonas de tensão ecológica (Marcuzzo & Pagel, 1998), o que proporciona a grande biodiversidade reconhecida para o bioma. Como mostra a figura 02.

Figura 02- Unidades Fitogeográficas formadoras da Mata Atlântica



Fonte: Novo Atlas dos Municípios de Mata Atlântica.

Um mapeamento encomendado pelo Ministério do Meio Ambiente e divulgado em 2006 identificou que existiam 27% de remanescentes, incluindo os vários estágios de regeneração em todas as fisionomias: florestas, campos naturais, restingas e manguezais. Entretanto, o percentual de remanescentes bem conservados, é de apenas 7,26%, segundo o último levantamento divulgado pela fundação SOS Mata Atlântica e Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), em maio de 2008. Por esse estudo, existem somente 97.596 km² de remanescentes maiores de 1 km². Esses dados apontam, por um lado, a capacidade da Mata Atlântica de se regenerar, e por outro, a situação crítica de isolamento em que se encontram os remanescentes de estágio avançado e primário da floresta. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, MMA, 2010).

3.2 Condições Ambientais de Adaptação

Historicamente a espécie humana tem-se constituído em um elemento desestabilizador do equilíbrio ambiental. Sua ação tem provocado grandes prejuízos à natureza, pondo em risco até mesmo a sua própria existência. Sua intervenção de forma desordenada tem colocado em risco constante a sobrevivência da Mata Atlântica, que em virtude do seu altíssimo grau de biodiversidade e endemismo e a sua elevada taxa de desmatamento está entre os biomas mais ricos e ameaçados do mundo. Foi nesta floresta que ocorreu uma das maiores devastações perpetrada pelo ser humano e é dela a maior parte de espécies faunísticas e florísticas brasileiras em vias de extinção.

A biodiversidade compreende a totalidade de genes, espécies e ecossistemas existentes em uma região (CIMA, 1991 & DIAS, 1992). Segundo Burton *et al.* (1992), a diversidade biológica, ou biodiversidade, pode significar, de modo geral, uma variedade de formas de vida (especialmente espécies), dependendo do contato e da escala, pode referi-se a alelos ou genótipos dentro de uma população ou espécies e formas de vida contidas em uma comunidade biótica, assim como espécies e ecossistemas dentro de uma paisagem.

Nas florestas tropicais, a diversidade está organizada de maneira bastante fragmentada no espaço e no tempo, em razão da alta heterogeneidade de ambientes físicos (microclima, solos topografias), bióticos, fisiológicos (variação química do metabolismo secundário) e, especialmente, sucessionais (pela frequência de perturbações brandas imprevisíveis) nesses sistemas (REIS *et AL.*, 1992).

Apesar de a referida floresta sofrer há séculos um processo de destruição contínuo e ser apontada como umas das florestas mais ameaçadas de extinção, mesmo assim possui a maior biodiversidade por hectare entre as florestas tropicais. Essa característica é possível devido a uma série de fatores que contribuem para sua formação, tais como: sua distribuição sazonal, a variação de altitudes que influencia diretamente para diferenciação das espécies, a diferença de pluviosidade, de temperatura, umidade, como também a fertilidade dos solos decorrentes da grande quantidade de matéria orgânica em decomposição. Todos esses fatores permitem a formação de uma rica diversidade de flora, fauna e microorganismo que compõem esse ecossistema. (MELO, 2005).

Com referência à biodiversidade na área de domínio da Floresta Atlântica, pode-se notar que, baseado nos atuais níveis de degradação desse ecossistema, sua biodiversidade já está comprometida, onde certamente muitas espécies já foram extintas antes mesmo de serem

descritas pela ciência. Entretanto, a Mata Atlântica, mesmo reduzida à área atual, colabora em muito para que o Brasil seja considerado um país de megadiversidade.

Os números totais de animais e microorganismos das florestas tropicais são cerca de 100 vezes o total de espécies vegetais (KRICHER, 1990). Este grande número de animais e microorganismos nessas florestas tropicais é responsável pelos processos de polinização, dispersão de sementes e predação. (KAGEYAMA & GANDARA, 1999).

Assim a Mata Atlântica apresenta uma variedade de formações, englobando um diversificado conjunto de ecossistemas florestais com estruturas e composições bastante diferenciados, acompanhando as características climáticas da vasta região onde ocorre. Esses complexos ecossistemas são considerados como um dos ecossistemas mais ricos do mundo. Nele ocorrem cerca de 20.000 espécies de plantas, dessa 8.000 são endêmicas. Das espécies arbóreas 55% são endêmicas e das arbóreas 40%. Destacam-se na biodiversidade florísticas da referida floresta, a acácia, a araucária, o jequitibá, o pau-Brasil, o jacarandá, a orquídea, as bromélias, no caso dessas últimas espécies 70% são endêmicas (CARVALHO E CÂMARA, 2002).

Considerando a grande biodiversidade e o potencial biológico, econômico e social da floresta Mata Atlântica, impõe-se a necessidade de manter e manejar estes últimos fragmentos florestais, conservando a grande biodiversidade ainda existente. A diversidade de espécies da floresta atlântica, ainda pouco conhecida e muito danificada, proporcionara muitas pesquisas e seu completo conhecimento (ALMEIDA, 2006).

Além de todos os problemas supracitados que resultam principalmente na destruição e fragmentação dos habitats, atualmente surge uma outra ameaça a biopirataria, cujo comércio ilegal de espécies tem resultado em perdas da biodiversidade.

O Brasil está entre os principais exportadores de animais silvestres (CARVALHO & CÂMARA, 2002) e mesmo o país tendo uma das mais modernas e rigorosas legislações do mundo, não consegue combater com eficácia esse crime. O tráfico principalmente de animais é danoso, especialmente para espécies mais ameaçadas de extinção. Essa prática ilegal tem suscitado ações mais efetivas dos órgãos governamentais, da própria sociedade e da legislação que *a priori* é muito rigorosa, mas na prática não tem conseguido cumprir com o que propõe. A floresta pertence a todos, sendo comum a todos a responsabilidade de preservá-la, cada qual com seus níveis de responsabilidade.

3.3 Potencialidades Faunísticas e Florísticas

A qualidade de vida da população brasileira depende da preservação dos remanescentes, os que mantêm nascentes e fontes, regulando o fluxo dos mananciais de água que abastecem as cidades e comunidades do interior, ajudam a regular o clima, a temperatura e o solo e protegem escarpas e encostas de morros.

Os processos ecológicos fazem parte das relações das espécies entre si e com o meio que os cerca e são extremamente importantes, pois a alteração em qualquer elo do ecossistema tem consequência nos demais. Sua fragilidade se dá porque cada espécie tem um nicho ecológico, que corresponde ao papel que organismo (planta ou animal) desenvolve dentro do ecossistema. Isso significa que não é apenas o espaço utilizado pela espécie que conta, mas também sua posição na cadeia alimentar e sua relação com os fatores ambientais, que correspondem à área ideal para a ocorrência da espécie dentro do gradiente ambiental de temperatura, umidade, luminosidade (MMA, 2010).

As consequências causadas pela perda da natureza, muitas vezes não são notadas de imediato, mas são extremamente graves. A alteração ou redução das áreas naturais afeta a própria sustentabilidade dos processos ecológicos, comprometendo o fornecimento dos serviços ambientais. (MMA, 2010).

Espécies das florestas tropicais se regeneram através de diversos mecanismos, como banco de sementes do solo, chuvas de sementes, banco de plântulas e brotações. Esses diferentes caminhos garantem a auto-regeneração, sustentabilidade e manutenção de diversidade biológicas desses ecossistemas (ALMEIDA, p. 50, 2006).

O conhecimento da auto-ecologia das espécies, dos agentes polinizadores e dispersores, tipos de flores e frutos, do ciclo de vida e outras informações são importantes do ponto de vista do manejo, visando à conservação da diversidade das espécies.

Considerando a grande interação existente entre elementos da fauna e flora na Floresta Atlântica, assim sendo como grau de interferência antrópica nesse ecossistema, pode-se dizer que muitos animais polinizadores e dispersores já foram extintos, comprometendo a composição genética de várias espécies e levando muitas outras ao desaparecimento. A polinização é uma forma de aumentar ao Máximo o fluxo gênico e permitir com isso sua sobrevivência (JANZEN, 1980).

Várias dessas espécies animais e vegetais estão ameaçadas de extinção. Começando pelo pau-brasil (*caesalpina echinata*), espécie cujo nome batizou o País, são 276 espécies de vegetais da Mata Atlântica na lista oficial de espécies ameaçadas, entre elas Palmito juçara (*euterpe edulis*), a Araucária (*araucária angustifolia*) e varias Orquídeas e Bromélias. Entre os animais terrestres, são 185 vertebrados, dos 18 aves, 16 anfíbios, 38 mamíferos e 13 répteis. Há também 59 espécies de peixes ameaçados nas bacias do leste brasileiro, entre a foz do rio São Francisco e ao norte de Santa Catarina. Grande parte dessas espécies ameaçadas é endêmica, ou seja, só ocorre na região da Mata Atlântica (MMA, p. 5, 2010).

As florestas e os ecossistemas associados são também reserva de beleza a nos lembrar que somos parte da natureza e que temos direito de viver da Mata Atlântica, porém respeitando as inúmeras espécies de animais e vegetais que habitam essa parte do planeta. Se o simples direito de existir não for argumento suficiente, é bom lembrar que essas espécies ainda representam fontes de alimento, remédio e outros recursos naturais conhecidos e desconhecidos á espera de pesquisas que possam identificá-los (MMA, BIODIVERSIDADE 34, 2010)

3.4 Relações socioambientais no processo de ocupação urbana e degradação da Mata Atlântica.

De acordo com Andrade (1994). O Brasil tinha uma das maiores áreas florestais, mas com a invasão portuguesa o processo de povoamento e ocupação do território pelos portugueses foi marcado por uma grande devastação, tendo como objetivo a retirada do pau-brasil, que era utilizado na Europa como corante, em seguida a implantação da cana-de-açúcar produto que sustentava a economia da metrópole no século XVI. Várias outras culturas foram sendo implantadas, seguindo o mesmo modelo de exploração, sem medir as conseqüências ao meio ambiente.

Soma-se também o processo de urbanização que tem grande contribuição na devastação da Mata. Assim a Mata Atlântica foi desaparecendo ao longo do tempo, em virtude dos mais variados fatores: extrativismo vegetal, monocultura açucareira e canavieira, grande concentração demográfica da população brasileira, atividades agroindústrias, entre outros. Portanto é o bioma brasileiro mais ameaçado e, portanto as variadas formas de vida estão em risco de desaparecimento.

Na medida em que a degradação ambiental se acelera e se amplia espacialmente numa determinada área que esteja sendo ocupada e explorada pelo homem, a sua biodiversidade tende a diminuir, a menos que o homem invista no sentido de recuperar essas áreas (GUERRA E CUNHA 1996,p.342).

De acordo com Santos (2008) quanto maiores ás aglomerações humanas, mais destrutivas eram do ponto de vista ambiental. E nesse estagio de crescimento acentuado da população humana, que muitas espécies desaparecem gradativamente onde o homem construía em ritmo acelerado os seus próprios ambientes. Está incrível capacidade de adaptação só foi possível porque o homem sempre criou no seu entorno um meio, ou seja, um ambiente próprio, diferente do meio circundante- natural que denominamos de cultural. A construção pelos seres humanos de um espaço da sua própria vivencia diferente do natural, se deu sempre em revelia e com modificação do ambiente.

Ao longo do processo histórico o ser humano sempre foi identificado como um agente em potencial de destruição do meio ambiente. Apesar disso constitui um agente de proteção e atualmente passa por um processo de entendimento de que os recursos naturais são inesgotáveis e que seu uso limitado, releva uma situação insustentável que coloca em risco a sua existência futura da sua própria espécie (MELO, 2005).

Com essa preocupação, no final da década de 1980, o Brasil trás para o foco das discussões políticas as questões ambientais, entendendo que desenvolvimento econômico e social deve estar associado à qualidade do meio ambiente. Em 1984 foi publicado um documento como um relatório de qualidade do meio ambiente, com o propósito de informar a sociedade a situação real do meio ambiente, seus principais problemas e avanços. A constituição de 1988 retrata essa preocupação, tendo um capítulo específico sobre o meio ambiente, onde fica declarada que a Mata Atlântica, bem como a Floresta Amazônica e o Pantanal, são Patrimônio Nacional (CUNHA E COELHO,2003).

Em virtude do estado de degradação que se encontra a Mata Atlântica, hoje um dos grandes desafios para aqueles que atuam em favor de sua preservação se constitui em reverter o processo contínuo de devastação de sua cobertura vegetal.

O resultado da exploração predatória de seus recursos naturais através dos ciclos econômicos supracitados, do acelerado processo de industrialização e a conseqüente urbanização foi a perda quase que total da mata original, restando atualmente manchas isoladas, conforme a figura 03.

Representação cartográfica da degradação da Mata Atlântica ao longo dos anos, no processo de ocupação do espaço.



Em algumas regiões o processo de devastação é tão intenso que a Mata praticamente desapareceu. No sudeste ela restringe às escarpas das Serras do Mar e da Mantiqueira. No Nordeste permanece menos de 1% da cobertura vegetal original, (Carvalho & Câmara, 2002). Em outras áreas que resta desta mata são apenas ilhas e resquícios que ocorrem de forma isolada.

Da Mata Atlântica pouco se resta a preservar, pois a sua destruição iniciada no Séc. XVI vem sendo intensificada até os dias atuais, restando apenas poucos pontos localizados quase sempre em áreas íngremes onde substituem relíquias da mesma (ANDRADE, 1994.P.45).

3.5 A MATA ATLÂNTICA NA PARAÍBA

A Mata Atlântica na Paraíba abrange duas grandes áreas, perfazendo um total de (6.578,51 km²), que corresponde a 11,66% do território do Estado e ocupam total ou parcialmente 63 municípios, incluindo ecossistemas de florestas ombrofila densa, aberta, estacional semidecidual, áreas de tensão ecológica, além de formações pioneiras (restingas e manguezais). A população que vive nessas áreas é de 1.629.369 pessoas. Atualmente, os remanescentes são de ordem de 106.005,14 há (1.060,05 km²), equivalentes a 16,11% da área original incluindo os vários estágios regeneração em todas as fisionomias, segundo levantamento da cobertura vegetal nativa do Bioma Mata Atlântica (MMA/Probio,2006).

As atividades que mais impactam a Mata Atlântica nos Estado são a expansão da área de cultivo da cana-de-açúcar e o desenvolvimento de atividades voltadas para a carcinicultura em áreas de manguezais. No que tange a identificação de áreas com maior concentração de mata, destaque deve ser dado aos municípios de Cruz de Espírito Santo, Santa Rita, Rio de Tinto e Mamanguape. A disposição dessas manchas de fragmentos florestais tem potencial para um corredor ecológico.

Outras áreas de destaque correspondente aos remanescentes encontrados nos municípios de Areia e Alagoa Grande, conjuntos de grande interesse ecológico e social, por trata-se de fragmentos da Mata Serrana, também conhecida como Pico do Jabre, localizado no Município de Maturéia, por se constituir um enclave florestal da Mata Atlântica em área de caatinga, merece atenção especial tendo em vista os decréscimos de áreas nos últimos anos. Convém salientar que essas três constituem áreas prioritárias para conservação da Mata Atlântica na Paraíba, segundo o MMA ((MATA ATLÂNTICA NA PARAIBA, CONSERVAÇÃO & CIDADANIA, O PROJETO, 2010)

Na região próxima ao litoral, a denominação que outrora recebia o nome de Zona da Mata, em virtude de sua exuberância, atualmente não condiz com a realidade, pois esta mata praticamente inexistente.

A partir desses dados, o MMA identificou, no Estado, a necessidade de intervenções em 278.361,30 ha, considerados prioridade para ações como criações de áreas protegidas, incluindo unidades de conservação de proteção integral e de uso sustentável, além do fomento para o uso sustentável, a realização de inventários, criação de mosaicos e corredores de biodiversidade, além da definição de área de exclusão de pesca. A Paraíba conta com 2,44% do território com Mata Atlântica protegido por unidades de conservação estadual (MATA ATLÂNTICA NA PARAIBA, CONSERVAÇÃO & CIDADANIA, O PROJETO, 2010).

João Pessoa foi a primeira cidade do Brasil a elaborar o plano municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica (PMMA), lançado em 2010. Coordenado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente em parceria com a fundação SOS Mata Atlântica. O PMMA surgiu da necessidade de diagnosticar a situação atual do bioma no Município, para elaborar e planejar políticas públicas relacionadas a preservação desse bioma (MATA ATLÂNTICA NA PARAIBA, CONSERVAÇÃO & CIDADANIA, O PROJETO, 2010)

3.6 Devastações de Reservas Florísticas, Legislação Ambiental e Políticas Públicas de Gerenciamento

Até a década de 1970, a finalidade principal da legislação ambiental no Brasil era prevenir o desaparecimento público de alguns bens de interesse, como madeira, peixe, fontes de água, manter a navegabilidade de rios e evitar conflitos entre vizinhos pelo uso de determinados recursos naturais. Foi apenas na década de 1980, seguindo a tendência internacional, que a legislação brasileira começou a se precupar propriamente com a manutenção do equilíbrio ecológico e a reconhecer o direito humano fundamental de toda sociedade em usufruir dos serviços ambientais fundamentais a uma vida digna e de qualidade.

Hoje a ação antrópica tem efeitos continuados, e cumulativos, graças ao modelo de vida adotado pela humanidade. Daí vem os graves problemas de relacionamento entre a atual civilização material e a natureza (SANTOS, 1992.p.97).

Antes disso, em 1965, o Código Florestal (lei federal nº 4.771) considerou as florestas e demais formas de vegetação nativa do País “bens de interesse comum a todos os habitantes” e condicionou o exercício do direito de propriedade à sua utilização racional. Essa lei criou áreas de preservação permanentes (Apps), que incluem todas as formas de vegetação nativa situadas nas margens de corpos d’água, localizadas em topos de morro, encostas íngremes, entre outros. Nessas áreas, é proibido o desmatamento, com exceção de casos de utilidade pública ou de interesse social e atividades eventuais de baixo impacto. Criou também as reservas legais (RL), que são uma porcentagem dos imóveis rurais que devem manter a vegetação nativa. Na Mata Atlântica, esse percentual é de 20%.

Em 1987 foi publicado um relatório intitulado relatório de Brundtland pela Comissão Mundial do Meio Ambiente, onde ficou definido o conceito de desenvolvimento sustentável, conceito bastante utilizado para direcionar ações que garantam não somente a sobrevivência das gerações futuras, mas que essa sobrevivência seja pautada em uma qualidade de vida.

O referido relatório define uma sociedade de desenvolvimento sustentável como aquela que satisfaz às necessidades da atualidade sem comprometer a capacidade das gerações futuras para satisfazer as suas (SEABRA, 2003.p. 169).

A Constituição determinou ainda, que a Mata Atlântica, a Floresta Amazônica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização deverá ser feita dentro das condições que assegurem proteção especial ao meio

ambiente. Para que os princípios e diretrizes constitucionais fossem implementados, eles foram regulamentados através de diversas leis e decretos, nos níveis federal, Estadual e Municipal (MMA,2010).

A primeira norma legal específica para Mata Atlântica foi o decreto de nº 99.547/1990, que proibiu toda e qualquer supressão de vegetação nativa da Mata Atlântica, substituído em 1993 pelo decreto nº 750, que definiu legalmente o domínio, incluindo diferentes formações florestais e ecossistemas associados, e determinou a proteção dos remanescentes da vegetação primária nativa, bem como da vegetação secundária em regeneração. Com as mesmas diretrizes deste decreto, foi formulado um projeto de lei Mata Atlântica, apresentado em 1992, pelo então Deputado Federal Fabio Feldmann (Minist. do Meio Amb, MMA, 2010).

O objetivo da lei é preservar o que resta de remanescente de vegetação nativa da Mata Atlântica no país e criar condições para que a Floresta e os ecossistemas associados voltem a crescer onde hoje estão praticamente extintos. Assim, regula a conservação, proteção, regeneração e utilização não apenas dos remanescentes de vegetação no estágio primário, mas também nos estágios secundário inicial, médio e avançado de regeneração.

Em 1992, o Brasil sediou a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o desenvolvimento em que reforçou o compromisso constitucional de proteger a biodiversidade e o patrimônio genético do país, impulsionando por sua vez as ações de conservação. Essa postura foi de extrema importância para um país como o Brasil que possui um patrimônio em termos de biodiversidade que coloca entre os mais ricos do planeta. Este detém cerca de 30% das florestas tropicais do mundo (MMA,(1998).in: CARVALHO & CÂMARA,(2002).

3.7 Diretrizes para implantação de unidades de conservação e sustentabilidade.

Aproximadamente 123 milhões de pessoas vivem na área da Mata Atlântica, em 3.410 municípios. Destes, 2.928 tem suas sedes Municipais dentro da área da Mata Atlântica. A qualidade de vida destes quase 70% da população brasileira depende, em grande parte, da preservação e recuperação dos remanescentes da vegetação nativa. Estes remanescentes mantêm nascente de águas que abastecem as cidades e comunidades do interior, ajudam a regular o clima, a temperatura do solo e protegem escarpas e encostas de morros, sem falar na biodiversidade e beleza da paisagem. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2010).

Os planos Municipais de conservação e recuperação da Mata Atlântica articulam-se e complementam os instrumentos de Gestão Municipal, como por exemplo, o Plano Diretor participativo e o Plano de Saneamento Básico. Sua elaboração promove a municipalização da discussão a respeito da proteção da Mata Atlântica, aspecto inovador e de grande importância para uma gestão municipal ambientalmente responsável. Nos processos de planejamento, merecem atenção especial a conservação/recuperação das áreas de Reserva Legal(RL) e de preservação permanente (APPs), a criação e implementação de unidades de conservação (UCs) municipais e outras ações proativas das administrações locais, tais como a prevenção de riscos de deslizamentos e enchentes e a proteção de mananciais de água. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2005).

Um dos pontos básicos para o sucesso do processo de recuperação de áreas degradadas é a correta seleção de espécies, que é feita em função das condições climáticas, relevo, solos e biodiversidade local (GALVÃO & MEDEIROS, 2002).

Quando se pensa em recuperar ambientalmente uma área, deve-se sempre associar o planejamento aos processos naturais de sucessão. Na verdade, tenta-se reproduzir o processo natural e se tem bom conhecimento deste, serão aceleradas as mudanças das comunidades, visando atingir o clímax. Entende-se hoje por recuperação ambiental um termo mais amplo, mais holístico, que envolve recuperação do meio abiótico e do meio físico. Conforme a sucessão de todos os elementos (solo, microflora, flora, fauna), o que fará com que a área ganhe nova resiliência (capacidade de voltar a um estado de equilíbrio), (ALMEIDA, 2006).

A maneira mais econômica e eficiente de recuperação de áreas degradadas é utilização de métodos biológicos. Métodos mecânicos e obras civis representam custos elevados e nem sempre são alternativas eficientes para recuperação dessas áreas. Essas técnicas estão sofrendo avanços ultimamente e tem evoluído dia a dia em suas aplicações. Nas

últimas décadas, tem crescido o interesse por recuperação de áreas degradadas, o que tem colaborado para o aprimoramento de técnicas visando melhorar e acelerar esse processo. (ALMEIDA, 2006).

A sustentabilidade da produção agropecuária depende diretamente da conservação do solo, dos recursos hídricos, das florestas e demais formas de vegetação nativa existente nos imóveis rurais. .

Atualmente, os proprietários ou posseiros rurais principalmente os pequenos, precisam usar muita criatividade e empenho para sobreviver das atividades agropecuárias. A diversificação da produção e o respeito ao meio ambiente são os principais pilares da sustentabilidade econômica e ambiental nos imóveis rurais. A monocultura e o uso excessivo de agrotóxicos e adubos solúveis são inimigos da sustentabilidade no médio e longo prazo. (Ministério do Meio Ambiente, MMA, 2010).

Existem varias metodologias que podem ser utilizadas para recuperação ou restauração da Mata Atlântica. Para decidir sobre qual melhor estratégia a ser adotada, é essencial o conhecimento prévio da área, onde se verificam as características ambientais da região e a capacidade e potencial da autorrecuperação. (Ministério do Meio Ambiente, MMA, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar o fragmento florestal da Mata Atlântica no Distrito de São José da Mata, observou-se que houve um grande processo de devastação durante os últimos 40 anos. O resquício tinha aproximadamente 100 hectares, porém por ser uma área privada pertencente ao Sr. José Miguel Leão, com o seu falecimento, as terras onde está situado a reserva foram divididas com herdeiros em pequenos lotes. O remanescente situado na sede do Distrito, o qual é o objeto de estudo dessa pesquisa, atualmente corresponde a cerca de 14 hectares.

Vale ressaltar que por ser uma área de transição, o fragmento florestal apresenta tanto espécies florísticas da Mata Atlântica como da Caatinga. No último levantamento feito da flora na reserva (MELO, 2005), pode-se analisar que há no local muitas espécies, e algumas delas endêmicas: Ipês, Angico (*anaderanthera macrocarpa*) Aroeira (*astranium urundeira*) conhecido popularmente como velame da mata, Barriguda (*bombacacease*) Cedro (*cedrela*) entre outras, além das espécies arbóreas citadas, já foram identificadas também algumas espécies de orquídeas: (*cattaya labiata lind.*), (*oncidium bantatum hindl*), (*notylia yriata SP*), (*Moore, polystachio*) concreta e algumas espécies de Bromélias e várias outras espécies. De acordo com a figura 04.

Algumas espécies da fauna da Mata Atlântica de transição: Barriguda (*bombacaceae*) Orquídea (*catteya labiatalind*) Aroeira(*astranium urundeira*) Angico *anaderanthera macrocarpa* Ipês. Fonte: Silva, Edilma Gomes. Pesquisa de Campo agosto de 2016.



Segundo Melo 2005, foi realizado um levantamento da fauna do referido resquício, onde pode-se constatar mais de 30 espécies faunísticas, muitas já extintas, entre elas podemos citar: Sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*) Bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), Azulão (*Cyanocompsa brissonii*), Gavião-Jacaná (*yassanã*), Coruja branca e preta (*Bubo scandiacus*) Pica pau- mirim (*Picidae*) entre outras. As espécies que se encontram em extinção podem destacar: João de barro (*Furnarius rufus*) Gavião preto (*Buteogallus urubitinga*) Cotia (*Dasyprocta*) Jaguaritica (*Leopardus pardalis*) entre outras. As espécies endêmicas: duas espécies de aranha, algumas espécies de borboletas, cupins, minhocas e besouros.

Fauna nativa do resquício de Mata Atlântica: Sabia-Larenjeira (*Turdus rufiventris*), Jagatirica (*Leopardus pardalis*) Gavião- Preto (*Buteogallus urubitinga*) Bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) Cotia (*Dasyprocta*). (Figura 05).



Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL ONLINE.

Com a expansão da área agrícola a partir dos anos 1970 principalmente com as culturas de milho e feijão, e também da pecuária contribuiu de certa forma para uma redução de parte do bioma. A prática da caça é outro fator preocupante, que acaba por afetar o resquício florísticos, e colocando em risco a biodiversidade faunística da reserva. Apesar dos esforços para conter essa prática é quase impossível uma fiscalização mais rigorosa, pois demandaria um grande esforço cotidiano.

Outro fator que contribui para a essa diminuição do bioma é a agricultura de subsistência, famílias que residem próximo a reserva praticam queimadas para o cultivo do milho e do feijão entre outras culturas, apesar dessas praticas atualmente estejam estagnadas.

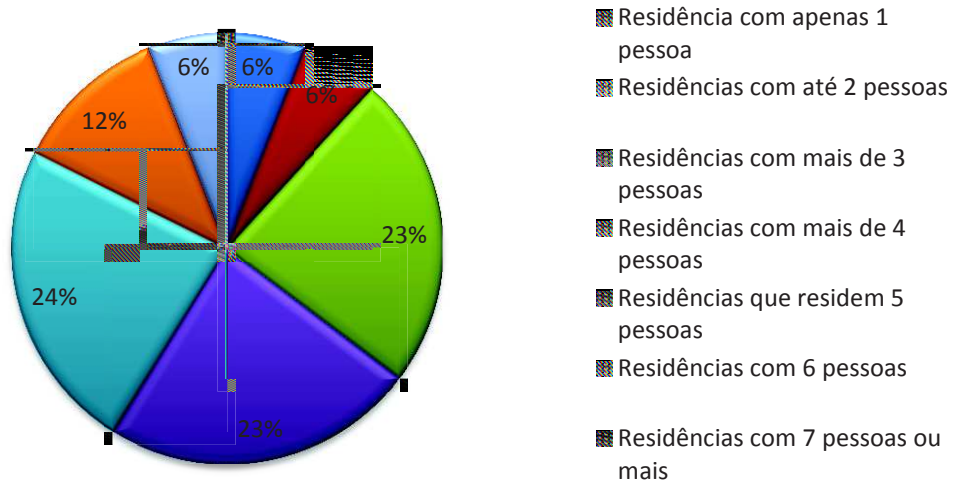
Para realização da pesquisa, fez-se necessário visitas in loco, com aplicação de questionários, para que se tenha a confirmação dos resultados da pesquisa em estudo.

De acordo com a pesquisa in loco, observou-se que, o resquício de Mata Atlântica, situado no Distrito de São Jose da Mata – PB possui grandes potencialidades, portanto o estudo busca fazer uma análise do perfil da comunidade com a Reserva Florestal, e as

relações sócioambientais existente. Cujo levantamento quantitativo com base nos questionários aplicados, pode ser verificado nas figuras 06,07, 08.

Figura 06- Gráfico demonstrativo do número de pessoas por família

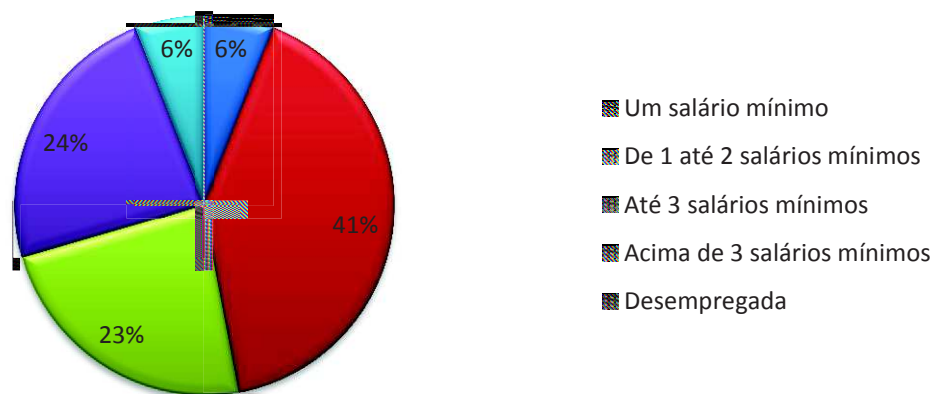
GRÁFICO 1 - NÚMERO DE PESSOAS POR FAMÍLIA



A figura 06 mostra o número de pessoas por residência, onde 6% possuem apenas 01 pessoa, chegando também a esse mesmo percentual (6%) das famílias consultadas. Residências com mais de 04 pessoas chegam ao total de 23%. O maior percentual de pessoas por família alcança 24% onde ocorre 05 pessoas por residências. Já as residências que possuem maior número de pessoas (06 pessoas) atingem um percentual de apenas 12%.

Figura 07- Gráfico Demonstrativo da Renda Familiar Mensal

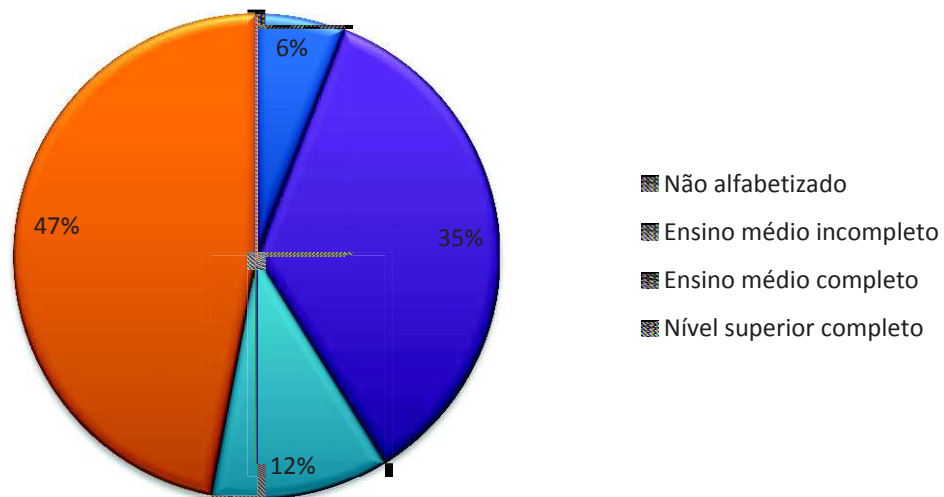
GRÁFICO 2 - RENDA FAMILIAR MENSAL



A figura 07 mostra a renda familiar mensal das pessoas que residem no Distrito 6% ganham até um salário mínimo, que atualmente é no valor de R\$ 880,00 (oitocentos e oitenta reais). O número de desempregados também chega a 6%. Já 23% dos que foram questionados da renda familiar, chegam a receber até 3 salários mínimos e 24% acima de três salários mínimos. Pode-se constatar a grande maioria que residem próximo a reserva ganham até de 1 até 2 salários mínimos.

Figura 08- Gráfico demonstrativo do Nível de Escolaridade

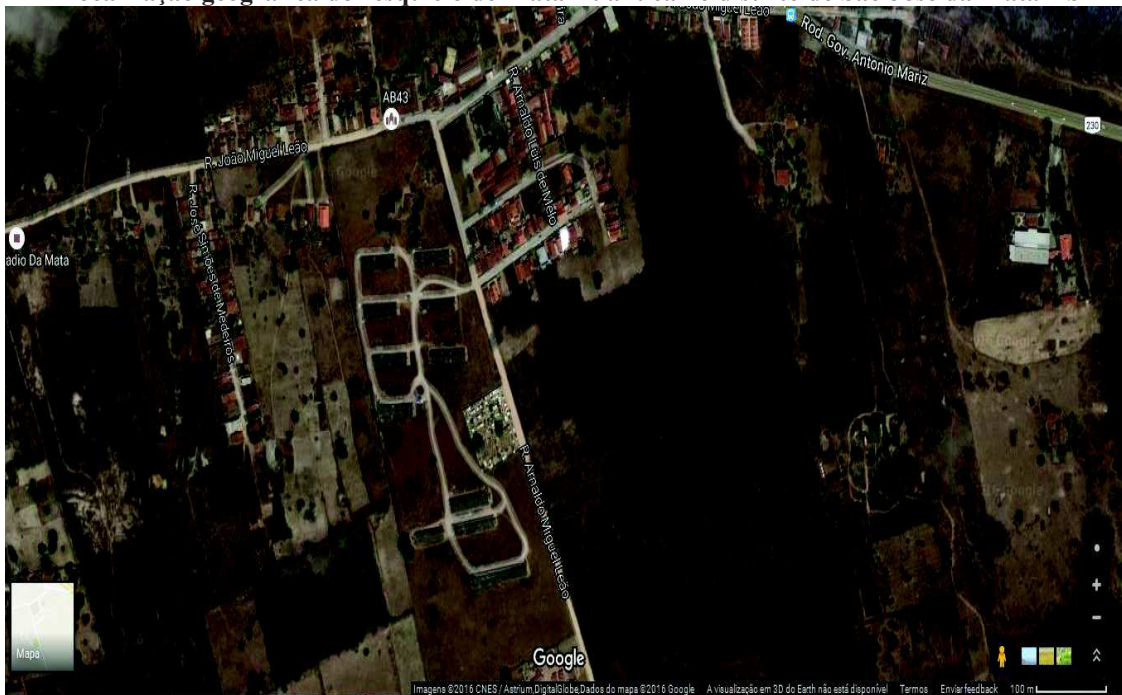
GRÁFICO 3 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE



De acordo com a figura 08 o índice de anafabestimo é de apenas 6%. Os que possuem o ensino médio completo chegam de 35%, já os que conseguiram concluir o Ensino Médio é de 12%. No gráfico o dado interessante da figura supracitada que vale ser ressaltado é o número de pessoas que concluíram o ensino superior que chega a 47%.

Com o crescimento urbano no final da década de 1980, e com o falecimento do então proprietário do fragmento da Mata Atlântica, o Sr. José Miguel Leão, foi dificultada para que mantivessem a preservação do resquício, pelo fato dos herdeiros não receberem nenhuma ajuda por parte dos Órgãos Públicos para preservação do bioma, a partir de então a família teve a necessidade de vender pequenos lotes de terras em torno da reserva onde essas áreas já haviam sido deterioradas. Todos esses fatores prejudicaram de certa forma a fauna e a flora o que acabou causando um desequilíbrio ecológico.

Localização geográfica do resquício de Mata Atlântica no distrito de São José da Mata-Pb



Fonte: Google Maps

De acordo com o último levantamento feito com a comunidade residente próximo ao resquício, pode-se constatar que apesar da diminuição no entorno da reserva como mostra a figura 09, ainda está possui grandes potencialidades, entretanto nem todos os moradores têm conhecimento do seu potencial.

A pesquisa realizada no resquício de Mata Atlântica no Distrito de São José Mata-CG, que principalmente nas décadas de 1970 até o final dos anos 80 houve uma diminuição no entorno do resquício, devido a prática da agricultura de subsistência, onde atualmente nessa área foram construídas residências. Entretanto atualmente esse processo de devastação está estagnado, devido ao empenho de um dos proprietário Guilherme Leão, para preservar o que restou do resquício por ser uma área de grandes potencialidades, não só para a população local, mas também para humanidade.

Em entrevista feita com a comunidade residente próximo a reserva, com o objetivo de saber qual a real importância da desta para o Distrito, e se a população tem conhecimento sobre sua importância, pode-se constatar a relevância da Mata para população por ser uma área que tem grande importância por vários benefícios concedidos para a população: na regulação do clima, na manutenção do ciclo hidrológico, absorvendo, filtrando e promovendo a qualidade da água, prevenindo a erosão do solo, no aumento da produção de oxigênio. Os

espaços para moradias, cultivos, e recreação e lazer. A grande biodiversidade existente na reserva, das quais são essências para a melhoria da agricultura, a polinização e a decomposição dos resíduos, entre outros benefícios. A reserva tem muito potencial para oferecer a população, embora a maioria das pessoas sequer note ou saiba disso. Como nos mostra a figura 10.

De acordo com a informação verbal da moradora Mariceli Morais da Silva Dantas, 51 anos Professora, em relação da importância da Reserva para comunidade ela relatou que:

- É agradável você saber que o contato com a natureza com o verde é benéfico para saúde, sem falar na sensação de bem estar. Se a reserva não existisse seria mais um espaço sem vida como as cidades de concreto, asfalto, e poluída. É que seria muito importante que a população tivesse conhecimento da importância da Mata para a população e poder se orgulhar de um patrimônio tão importante para o Distrito (informação verbal, MMS, jul 2016).

A moradora Maria da Guia Sousa, 65 anos, aposentada, também relatou como ela imaginaria o Distrito sem a Reserva: “São José da Mata sem a Reserva seria sem História, pois a próprio Distrito leva o nome do resquício, sem falar na contribuição que ela nos proporciona com suas belas paisagens, e sua fauna e na flora”.

De acordo com as informações dos moradores que residem próximo a reserva em sua grande maioria ressalta que, a Mata é de grande importância para comunidade, por sua beleza paisagística, sua fauna e flora, e todos os benefícios que ela proporciona para população, em qualidade de vida.

O resquício possui uma grande diversidade que precisa ser preservada, é preciso que a sociedade, os órgãos de responsabilidade ambiental, os poderes públicos e as instituições científicas, juntem esforços para que se tenha uma maior proteção do remanescente florestal. Apesar da Reserva ser citada na Lei Orgânica do Município como área de preservação ambiental, pouco se tem feito por parte do poder público para que a Mata mantenha-se preservada.

Um dos proprietários, o Sr. Guilherme Leão, que mantém um convívio diário com a reserva desde da sua infância, vem lutando com muito esforço e dificuldades para que a mesma se mantenha preservada. Entretanto, o mesmo mostra-se preocupado com o futuro da reserva. Que medidas e ações efetivas sejam tomadas para que sua biodiversidade seja preservada.

Devido a alguns projetos desenvolvidos na área pelo Instituto Butantã que através das suas pesquisas constatou a existência de duas espécies endêmicas de aranhas. Outras

pesquisas também foram realizadas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do Departamento de Ciências Biológicas respectivamente.

O resquício de Mata Atlântica teve uma diminuição no seu entorno, embora esse processo esteja estagnado, e onde já existe uma regeneração da área. É necessário que a comunidade tenha conhecimento das potencialidades da reserva, e assim entenda a importância da sua preservação. Na figura 10 o mapa destaca as regiões potenciais de investimentos sustentáveis do município de Campina Grande – Pb.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada no resquício de Mata Atlântica no Distrito de São José da Mata – PB, constatou-se uma diminuição no seu entorno devido a praticas agrícolas, ocorridos nas décadas de 1970- 1980. Entretanto, graças a os esforços de um dos proprietários da reservaGuilherme Miguel Leão, esse processo de devastação encontra-se estagnado.

Com base nos resultados obtidos com a pesquisa, pode-se constatar a grande importância do resquício para a região, e ao mesmo tempo surge a preocupação para que a mata não perca a sua biodiversidade.

É necessário que se busquem alternativas em defesa do reserva de Mata Atlântica, onde houve a análise do estudo em questão, buscando-se estratégias de conservação, para que possa manter preservado o que restou da Reserva Florestal.

Portanto, é necessário que se busquem parcerias com os órgãos competentes e com a própria comunidade, para que o resquício se matenha preservado, e junto busquem soluções para que essas áreas possam ser recuperadas, e assim faz-se necessários que sejam tomadas algumas medidas:

- Condução de regeneração natural das espécies nativas
- Plantio de espécies nativas (mudas, sementes, estacas)
- Implantação de corredores ecológicos
- Introdução de elementos atrativos a fauna
- Fazer possíveis estudos sobre a migração da fauna do fragmento para a Caatinga.
- Tornar o fragmento florestal em um parque ambiental.

Para que essas medidas sejam colocadas em prática, é necessário que haja um esforço conjunto por parte dos órgãos competentes, buscando assim, a recuperação e a preservação do fragmento, que é de grande importância para a região, por ser uma área de extremo valor por seu grande potencial ecológico e ambiental.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C. **O Desafio ecológico: Utopia e realidade**. São Paulo: Hucitec, 1994

ALMEIDA, **Recuperação Ambiental da Mata Atlântica**, 2ª edição da revista ampliada, 1996.

BANKS, M. **Preserve as florestas tropicais**. São Paulo, Spcione, 1997. Disponível em WWW.sosmatatlantcia.org.br .

BASTOS, KFT. **Diretrizes para implantação de uma unidade de conservação no Distrito de São José da Mata, Campina Grande- Paraíba**. Areia- Paraíba, 1995.

BURTON, P.J.; BALISKY, A.C.; COWARD, L.P.; CUMMING, S.G.; KNEESHAW, D.D. The Value of Managing for Biodiversity. *The Forest Chronicle*, 1992.

CARVALHO, T.P.C & CÂMARA J.B.D **GEO BRASIL- ENVIRONMMENPAL OUTLOOKSI**, Brasil. Brasilia IBAMA: Edipions, 2002.

CIMA. Comissão Interministerial do Meio Ambiente. Ministério das Relações Exteriores. Subsídios Técnicos para a elaboração do Relatório Nacional do Brasil para o CNUMAD. Brasília, Distrito Federal, p. 1991.

CONTI, J.B & FURLAN, S.A **Geografia o clima, os solos e o biota**. In: ROSS, J.L.S. (ORG). *A questão ambiental diferentes abordagens*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FEDERAÇÃO DAS IND. ESTADO DA PARAÍBA. **Mapa de oportunidades do estado da Paraíba**. Áreas potencias de investimento/ FIEP, Campina Grande –PB, 2009.

GUERRA L.H. & COELHO, M.C.N. Política e gestão ambiental. In: CUNHA, S.B. & GUERRA, A.J.T (ORG). *A quetão ambiental diferentes abordagens*. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

JANZEN, D.H. Ecologia Vegetal nos Trópicos. São Paulo, EDUSP, 79p. 1980.

KAGEYAMA, P.Y. & GANDARA, F. “Biodiversidade e Restauração de Florestas Tropicais”. Anais do I Simpósio sobre Restauração Ecológica de Ecossistemas Naturais..Piracicaba. IPEF, 1999.

KRICHER, J.C. 1990. A tropical companion. Princeton, Princeton University Press.

GUIMARÃES, M. **Sustentabilidade e educação ambiental**. In_____.A questão ambiental as diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.p. 81-105.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, Secretaria de Biodiversidade e florestas; Dep de conservação da Biod; Nucleo Mata Atlântica e Pampa. **Mata Atlântica: Manual de adequação Ambiental**. Brasilia (DF),2010, Serie biodiversidade 35.

MELO, **Análise Ambiental da Devastação do Resquíio Mata Atlântica em São José da Mata**, Campina Grande-PB, 2005.

REIS, A.; FANTINI, A.C.; REIS, M.S. ; GUERRA, M.P.; DOEBELI, G. Aspectos sobre a conservação de biodiversidade e o manejo da floresta tropical Atlântica. Rev. Inst. Flor. São Paulo, 1992.

SANTOS, M. ESTUDOS avançados: **A descoberta da natureza**. Aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: USP,10 mar. 1992.